

A NOSSA LUTA É A LUTA
DE TODO O POVO!
NÃO SERÁ O VI GOVERNO, NEM O
FASCISMO A QUEM ABRIU AS PORTAS QUE
PARARÁ O CAMINHO IRRESISTÍVEL
PARA A DEMOCRACIA POPULAR

UDP

VOZ do POVO

n. 70

Ano 2 9 DEZ 1975

Semanário Preço 2.50

Administração e redacção: Campo dos Mártires da
Pátria, 19, Lisboa
Proprietário: Voz do Povo; Dir. Int.: Mariano Castro

Composição e impressão: Grua-
-Artes Gráficas, Lda
Trav. das Almas, 2A, Lisboa

O FASCISMO NÃO PASSARÁ!

O primeiro comício após o golpe contra-revolucionário do 25 de Novembro realizou-o no sábado, 6, a UDP, organização que se destacou na luta contra o estado de sítio e subsequentes medidas de repressão sobre o povo.

Com o Pavilhão dos Desportos completamente cheio, a UDP, pela voz do camarada Guinot, explicou verdadeiramente o que foi o golpe do 25 de Novembro, montado desde Agosto e o papel do partido de Cunhal na provocação que lhe serviu de pretexto, assinalando igualmente a jogada aventureira para que foram empurrados alguns militares antifascistas sinceros, mas inconsequentes.

A terminar, o camarada Guinot apontou as tarefas imediatas do povo, capazes de levar à prática a palavra de ordem 'O Fascismo Não Passará!'.

Transcrevemos algumas passagens significativas dessa intervenção.

O GOLPE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO

As autoridades e os altos comandos falam muito no 'golpe contra-revolucionário' do 25 de Novembro, falam na defesa da revolução e na democracia.

A UDP diz: O golpe contra-revolucionário é aquele que está em marcha desde Agosto e quem o promove são os altos comandos e quem lhe serve de instrumento é o VI governo. O golpe contra-revolucionário não foi forjado pelos paraquedistas ou pelo RALIS, mas pelas juntas militares secretas, pelo Jaime Neves, pelo Sá Carneiro, pelo Carlucci, pelos agentes alemães. E daí que vem o golpe, é daí que vem a contra-revolução. (...)

(...) O VI governo a que deram a sua participação ministros de Cunhal, repetimos, pôs de pé toda uma ofensiva reaccionária e anti-popular. Mas tinha um ponto fraco. Falta-lhe forças repressivas de confiança. Sofria dum cancro, como eles mesmo diziam. E esse cancro era a democracia nos quartéis, a liberdade de reunião conquistada pelos soldados e marinheiros, as ADUs e as comissões de soldados. Nenhum governo anti-popular em parte nenhuma do mundo pôde nunca admitir a democracia para os soldados. Ele não tolera que as armas sejam empunhadas por trabalhadores conscientes, ele exige autómatos obedientes à disciplina militarista, prontos a disparar cegamente sobre o povo.

Por isso, o governo e os altos comandos puseram em prática um plano de grande envergadura destinado a ganhar o controle total sobre as forças armadas. Começaram a impor pela força comandantes que não mereciam a confiança dos soldados. Depois de terem o controle das regiões Norte, Centro e Sul, atiraram-se à região de Lisboa. Foi essa a sua grande batalha ao longo do mês de Novembro, que culminou com

os acontecimentos da última semana. E aí que se desenrola todo um plano minuciosamente estudado, com a colaboração dos técnicos nazis da CIA. A suspensão das actividades do governo foi o sinal para o desencadeamento da ofensiva:

- os oficiais reaccionários abandonam os quartéis para

Mas isto não bastava. Grande número de unidades da região de Lisboa opunham-se à demissão do general Otelo porque se apercebiam de que isso representaria um grande passo da direita. A ofensiva reaccionária chegava a um impasse. É então que intervém o tão falado golpe do 25 de Novembro. Era a justificação que faltava aos ministros e generais, para poderem completar a sua avançada.

O 25 DE NOVEMBRO FOI UMA ARMADILHA

Como surgiu o 25 de Novembro? A UDP pode afirmar que ele foi uma armadilha lançada pela direita e pela CIA ao núcleo de oficiais antifascistas que se agrupavam em torno do general Otelo. Infiltrando aí

se de revoltosos, quando na realidade apenas reafirmaram a sua confiança nos comandos antifascistas.

Assim, os altos comandos e o governo puderam lançar soldados contra soldados, lançar a confusão no povo, promover o nazi Jaime Neves, a 'salvador da Pátria'.

Assim puderam apregoar que tinham sufocado um terrível golpe contra-revolucionário e salvo a democracia. Assim puderam proclamar o estado de sítio e a sombra dele darem um grande passo em frente. A democracia que eles salvaram é essa que aí está à vista de todos. (...)

O PAPEL DE CUNHAL

Camaradas, o partido de Cunhal esteve metido nisto até

oficiais fugidos, há vários agentes conhecidos do Cunhal como o Costa Martins, o tal democrata do Trabalho. E depois de terem animado os outros a lançar-se na aventura, abandonaram-nos. Porquê?

Há quem diga que os cunhalistas se acobardaram e recuaram quando viram o golpe perdido, por terem errado os cálculos. Não, camaradas, não acreditem nisso. O Cunhal é um rato da política e não dá esses passos em falso.

A UDP declara solenemente perante o povo português e assume as responsabilidades pelo que afirma: o grupo revisionista de Cunhal colaborou conscientemente na provocação da direita!

O Cunhal tem tanto medo dos plenários e das comissões de soldados como o Pinheiro de Azevedo. O Cunhal vivia apavorado com as emissões da Renascença: deu um suspiro de alívio quando a viu silenciada. Vejam lá se ele saiu do governo depois dessa canalhice. O Cunhal quer um regime 'estável', sabem o que é? Um regime em que os reaccionários mandam e o povo obedece e trabalha. É aí que ele se sente à vontade no seu trabalho de revisionista, quer dizer, de falso revolucionário, de falso comunista, de falso antifascista.

O grupo de Cunhal animou os oficiais antifascistas a lançarem-se na aventura para se ver livre desse tumor incómodo que é para ele a organização democrática dos soldados, para restabelecer condições 'normais', em que os governos governam, os ministérios se negociam, o parlamento discursa e os negócios prosperam. Foi por isso que ele animou o golpe, depois o abandonou e agora discute as pastas a que tem direito no VI governo ou no VII.

DEFENDER A LIBERDADE NOS QUARTÉIS

Camaradas, mas de toda o



Se o Povo souber responder consequentemente ao desafio que a burguesia lhe faz de voltar tudo ao tempo antigo, então nós poderemos dizer com toda a certeza: O FASCISMO NÃO PASSARÁ!

criar uma situação insustentável.

- mandam-se desmobilizar 30 mil homens das incorporações de 73 e 74 para fazer uma 'limpeza' das tendências revolucionárias nas Forças Armadas.

- ameaça-se com a guerra civil, com a mudança da Assembleia Constituinte para o Norte, com o isolamento da 'comuna de Lisboa'.

- os bandos do ELP espalham bombas e ameaçam cortar a água e a electricidade em Lisboa.

- a pretexto das justas reivindicações camponesas, bandos fascistas erguem barreiras nas estradas em Rio Maior e ameaçam cortar o abastecimento dos géneros a Lisboa.

agentes provocadores, levaram esses oficiais a lançar-se numa aventura condenada ao fracasso, para nela se queimarem?

- as comunicações entre os oficiais antifascistas eram completamente controladas pelos serviços da contra-informação;

- os aviões da base do Montijo foram retirados para o Norte na véspera dos acontecimentos;

- os soldados paraquedistas foram empurrados para uma situação desesperada e os forçasse a sublevarem-se;

- os soldados e oficiais progressistas do RALIS, Polícia Militar e outras unidades foram cercados e intimidados a render-se, como se se tratas-

às orelhas. Virem agora dizer-nos que nada tiveram a ver com o assunto, é fazerem pouco de nós. Estiveram metidos, prometeram apoio, convenceram muitos trabalhadores de que iam derrubar o VI governo. Entre os

ÚLTIMA HORA

Intervenção Imperialista em Timor-Leste

Na madrugada do dia 7 de Novembro, Dili, capital da jovem República de Timor, foi atacada por tropas indonésias apoiadas por barcos de guerra, aviões e bombardeiros.

Esta é mais uma agressão imperialista, verdadeiro atentado contra um povo que se liberta do colonialismo.

A resistência popular armada e organizada pela FRETILIN expulsará o invasor do seu território.

ABAIXO A AGRESSÃO INDONÉSIA!
VIVA A REPÚBLICA DE TIMOR-LESTE!

NA CONSTITUINTE SÓ A UDP PROTESTOU CONTRA O ESTADO DE SÍTIO

A única voz que se ergueu na Assembleia Constituinte, contra a escalada do fascismo e o estado de sítio que lhe serviu para conquistar posições foi a do camarada deputado da UDP.

A situação por que o Povo português acaba de passar é uma consequência directa da luta pelo controle do Governo pelos partidos da burguesia, e o ambiente de guerra civil que eles criaram.

A situação criada, apesar dos dispositivos militares desencadeados, veio mostrar que o mal não era um mal militar, mas sim um mal político que resulta da luta entre os partidos burgueses que dividem o Povo...

A UDP protesta firmemente contra a situação de estado de sítio que foi imposta na região militar de Lisboa. Essa situação só serviu para dar liberdade aos fascistas e para reprimir o Povo.

A política da UDP não é uma política de golpes. A UDP não participa em golpes. A exploração e o fascismo, os inimigos do Povo não se destroem com golpes feitos em nome do Povo, mas sim pelas próprias massas populares.

A UDP não tem nada a esconder.

A sua posição é bem clara — não permitir que por detrás de qualquer aventura a direita possa avançar e consolidar-se impunemente. Toda a actualização é mobilização da UDP teve em vista mobilizar o Povo para a defesa das suas conquistas democráticas...

A UDP SAÚDA DE PUNHO ERGUÍDO A LUTA DOS PARAQUEDISTAS

A UDP saúda de punho erguido a luta dos paraquedistas. É uma luta pela democracia, contra o militarismo reaccionário. É uma luta justa.

Saudamos a heróica luta dos

soldados da PM que tantas provas deram de estar ao lado dos explorados e oprimidos. Lembremos entre tantas outras o apoio dado pela PM aos operários da construção civil, vivo exemplo da unidade entre operários e soldados.

Denunciamos toda a campanha de calúnias desencadeada pela rádio e pela televisão nas mãos do Governo contra a PM. Significativo é que nesses meios de comunicação não digam que Jaime Neves, na guerra colonial usava um porta-chaves feito com a orelha dum compatriota africano.

...É A CLASSE OPERÁRIA E O POVO QUE RESISTIU ÀS MANOBRAS FASCISTAS

Saudamos a classe operária e o Povo que em muitos locais se organizaram para resistir às manobras fascistas. Saudamos particularmente a classe operária da Margem Sul pela combatividade e exemplos dados.

Foi nestas circunstâncias que os traidores de Cunhal, que estavam interessados numa primeira fase em apoiar as lutas dos paraquedistas com intuídos diferentes dos próprios paraquedistas, desaparecem por completo, traíndo os soldados e preferindo ir negociar com vista a um novo Governo, em vez de mobilizar o Povo contra o avanço do fascismo. A actualização desse partido traidor foi inversa — foi a de fazer tudo para que o Povo não saísse à rua, foi incitar os seus militantes ao obediência completo do estado de sítio, foi destruir a propaganda da UDP e agredir militantes da UDP que a colavam ou distribuíam, como em Santa Iria de Azóia e Beja...

Jaime Neves disse com o despudor que o caracteriza que "ainda não está contente".

Jaime Neves e os fascistas da sua laia querem mais e pre-

tendem obter muito mais: Jaime Neves, Pires Veloso, os fascistas do Estado Maior do Exército e os seus comparsas civis não estão satisfeitos: após terem obtido a cabeça de Otelo, de Dinis de Almeida e de outros, pretenderão a de Melo Antunes e a de Pezarat Correia.

A conciliação tem um preço e os nove e os que os apoiam viram a curto prazo qual ele é.

Hoje saneados do 11 de Março e do 28 de Setembro encontram-se de novo no comando de unidades.

Os fascistas levantam a cabeça por todo o lado.

Ao mesmo tempo que quartéis e militares vítimas do 11 de Março são destroçados, militares progressistas são presos.

Esta é a verdade da democracia portuguesa.

— A UDP protesta contra a prisão dos militares progressistas e exige a sua libertação.

— A UDP protesta contra a integração de oficiais saneados no 28 de Setembro e 11 de Março nas estruturas militares.

— A UDP protesta contra a censura e não publicação de todos os jornais que se publicavam até aqui e exige que a informação seja livremente assegurada.

— A UDP protesta contra a demissão dos conselhos de redacção e administração dos jornais estatizados, porque essa decisão só compete aos trabalhadores, e é em última análise uma medida anti-democrática contra os direitos dos trabalhadores.

— Protestamos contra a suspensão dos contratos colectivos de trabalho decretada pelo Governo.

— Protestamos contra as prisões de revolucionários que faziam chegar informação ao Povo.

Latifundiários e pequenos agricultores cont. pág. 5

sem transportes que levassem os adubos e sementes às suas terras? Quando estes faltavam quem era abastecido em primeiro lugar? Concediam créditos a juro baixo? Havia tractores e máquinas para serem alugados a preços baixos aos pequenos e médios camponeses? Não!

E, entretanto, no tempo do fascismo, o preço dos adubos baixava? Os produtos que eram adquiridos pelo Estado ou pelas cooperativas eram pagos logo? Os impostos e as multas não existiam? E quem é que mandava nessa altura? Eram os fascistas, e especialmente os latifundiários.

Se eles reconquistarem os grémios e passarem outra vez a mandar nos campos, os pequenos e médios camponeses ganharão alguma coisa com isso? Pelo contrário, eles continuarão a utilizar todos os estratagemas, o domínio dos Grémios e Associações para explorar e roubar os pequenos e médios camponeses. Estes têm que se organizar contra o seu verdadeiro inimigo: os latifundiários, os intermediários parasitas e o Estado burguês.

Os pequenos e médios camponeses devem-se unir para que os latifundiários sejam expropriados, as suas actuais instalações e máquinas pos-

tas ao serviço de todos os camponeses, para que o Estado ponha à sua disposição transportes baratos e máquinas que possam ser alugadas por um preço baixo, para que sejam suprimidos os intermediários parasitas, para que o Estado pague imediatamente os produtos que compra aos pequenos e médios camponeses, para que sejam estabelecidos preços justos para os produtos que vendem; para que o preço dos adubos baixe, para que tenham acesso a crédito com juro baixo e prazos de pagamento longos, para que os impostos baixem. É por isso que vale a pena lutar, é para isso que os camponeses se devem organizar. Os operários e demais trabalhadores não são inimigos dessa luta, mas sim aliados como o vêm provando os operários da SA-PEC quando se opõem a que os adubos sejam exportados, exigindo que sejam utilizados pelos pequenos e médios camponeses.

Uma entrevista esclarecedora

A UDP foi convocada para uma entrevista na Presidência da República. Ai a delegação da UDP foi recebida pelo coronel Moura de Carvalho, que se apresentou como delegado do Presidente da República.

Tinha 4 'pedidos' a fazer, segundo declarou:

— Que a UDP entregasse as armas que 'eventualmente tivesse'.

— Que a UDP tivesse 'cuidado' com a sua propaganda; nada de fazer apelos 'à insurreiçãõ', 'às armas'.

— Que a UDP tivesse igualmente 'cuidado' com as manifestações, evitando 'manifestações violentas'.

— Que a UDP considerasse a greve como 'uma forma superior de luta' para a defesa das reivindicações dos trabalhadores e não como 'um meio de atingir objectivos políticos'.

Sobre a situação política que se vivia, com o estado de sítio e o avanço do fascismo a coberto dele, nem uma palavra. Que não estava mandatado senão para transmitir aqueles 4 'pedidos', dizia o senhor coronel.

Mas não se escusou a dar as suas 'opiniões' sobre algumas questões postas pela delegação da UDP. E interessa ver quais são as opiniões do sr. coronel, para o povo poder avaliar que tipo de pessoas existe no palácio de Belém.

Que era preciso reprimir as ocupações 'oportunistas'...

Que não acreditava em tribunais populares ('isso é bom para os pretos', declarou)... Que o problema de se saber quem são os novos comandantes das unidades não diz respeito ao povo, é um problema interno das forças armadas...

Tentando fazer ironia, o sr. coronel dizia ser duplamente reaccionário: primeiro por ser coronel, segundo por ser da Força Aérea. 'Não é o que os senhores dizem?'

Nós dizemos, sem o menor traço de complacência para com a ironia do senhor coronel, que ele é de facto um reaccionário. Não por ser coronel da Força Aérea, mas por ser contra as conquistas populares, por ser contra o movimento popular.

Por mais juras de amor à liberdade que qualquer um faça, se se põe contra o movimento popular, única força capaz de se opor eficazmente ao fascismo, é efectivamente um reaccionário.

Alerta, camaradas: as 'opiniões' instaladas nalguns gabinetes alcatifados de Belém estão ligadas com um fio visível às rusgas, buscas, prisões e assassinatos de antifascistas que se vão tornando o pão-nosso de cada dia no nosso país.

São 'opiniões' como estas que conduzem os rodados dos chaimites de Jaime Neves. Contra elas há que unir o povo todo.

Foi a enterrar mais um antifascista assassinado

Realizou-se na passada 4ª feira o funeral do camarada Joaquim da Assunção Leal, militante da OCMLP, que tomou às balas do assassino Jaime Neves quando passava acidentalmente na Estação da Amadora, na altura em que 'Comandos' disparavam rajadas de metralhadora sobre um ajuntamento de populares.

Cerca de 600 pessoas pres-

lhe valeu ser 'saneado' por elementos ligados ao partido de Cunhal, raivosos por verem denunciadas todas as suas manobras traiçoeiras e contrárias aos interesses dos trabalhadores.

Os Comandos que carregaram no gatilho, fizeram cair mais um firme defensor dos interesses do povo trabalhador.

Toda essa escumalha de



taram assim uma última homenagem a este abnegado lutador pela causa do povo, entoando de punho erguido a Internacional depois do cortejo fúnebre.

O camarada Joaquim Leal foi um valoroso antifascista que lutou com grande dedicação, antes e depois do 25 de Abril, pela liberdade para o nosso povo, colaborando no 'Jornal do Centro' e no 'Comércio do Funchal' e desenvolvendo intensa actividade revolucionária noutros sectores.

Era um trabalhador da empresa Eduardo Jorge, onde desenvolveu um incansável trabalho a nível sindical o que

assassinou do Jaime Neves, Pires Veloso e Cia, há-de pagar um dia pelos crimes miseráveis que cometeu.

O povo saberá vingar os seus filhos que tomaram às balas dos seus inimigos, na luta contra o fascismo, pela liberdade e democracia para o povo. Essa vingança passa por, em primeiro lugar, reforçar a organização da resistência e preparar todas as suas forças para a ofensiva que é necessário levantar.

MORTE AO FASCISMO!
LIBERDADE PARA O POVO!
HONRA AO CAMARADA
JOAQUIM LEAL!

EMISSÕES REVOLUCIONARIAS

RADIO TIRANA

das 09 h às 01 h

das 08 h às 09 h

das 08 h às 09,30 h

das 11 h às 12,30 h

das 22,30 h às 23 h

em 31 e 48 metros

em 31 e 48 metros

em 25 e 31 metros

em 31 e 49 metros

RADIO PEQUIM

das 21 h às 22 h

em 25 e 41 metros

Pragal

APRENDEMOS MAIS

NESTES DIAS

DO QUE EM MUITOS MESES

O Povo da Margem Sul não se deixou assustar pelo Estado de Sítio; por todo o lado se fizeram grandes reuniões de trabalhadores, plenários das populações, concentrações junto dos quartéis e paralização do trabalho.

Na Baixa da Banheira, no Lavradio fizeram-se plenários para manter toda a gente informado dos acontecimentos e organizar a luta. As intimidações da GNR e PSP nada conseguiram, pois ninguém estava disposto a ficar sem as liberdades conquistadas. Na quarta-feira a maioria dos trabalhadores da Lisnave e de outras fábricas não trabalharam, concentrando-se junto ao Forte de Almada, para apoiar a luta dos soldados e oficiais progressistas.

Em Setúbal, logo na noite de terça para quarta cerca de 3000 pessoas juntaram-se em frente do RIS exigindo armas para o povo.

Entretanto, os cunhalistas pediam calma, diziam que tudo estava a correr bem, aconselhavam a população a respeitar o estado de sítio e os trabalhadores a não fazerem greve. Na sua actividade de sabotagem e desmobilização conseguiram impedir que muitos órgãos de vontade popular desempenhassem o seu papel como meio de organização da luta e mobilização do povo. Certas comissões de moradores conseguiram vencer o muro de confusão e boicote desses traidores e organizar a resistência popular nas suas zonas, como por exemplo, aconteceu no Pragal:

VP - Como se organizaram contra o avanço dos fascistas?

- Isto deu-se ao longo de vários dias. No primeiro dia havia grande expectativa. Passámos a noite na sede da comissão de moradores, íamos recebendo informações e discutindo o que se estava a passar.

No segundo dia de manhã fomos para o Forte de Almada que estava a ser atacado. Entretanto alertamos as pessoas para o facto de estarem a ser manobradas pelos órgãos da informação.

Formámos piquetes alguns deles só de mulheres que além de fazerem café e trazerem bolachas para o pessoal também faziam vigilância nas ruas. Um piquete levava três quartos de hora a dar a volta depois saía outro, estávamos sempre em movimento.

Andava a circular um carro que ia até ao forte e voltava com informações para aqui, para a sede que funcionava como um centro de informações.

No 3º dia o centro de informação passou para a creche porque tinha havido uma ameaça de um ex-guarda republicano de que a sede ia ser assaltada.

VP - Onde colocaram os piquetes?

- Houve piquetes durante toda a noite e ao longo de toda a semana na ponte, no chafariz e nas ruas, perto de algumas casas com telefone para

o caso de vir a ser alguém preso, atacado, ou a casa rebuscada eles telefonavam para a creche. Podia-se mobilizar toda a gente para o local. No caso de prenderem alguém fazia-se barricadas. Eles entravam mas já não saíam. Chegava-se ao cimo da igreja, tocava-se o sino, alertava-se a população, como se chegou a fazer no dia 26, quando o forte foi ocupado.

Estávamos todos juntos e unidos. Apesar de sermos poucos toda a população estava avisada e preparada para vir para a rua.

Todas as noites fizemos reuniões, aí por volta das 10 horas, aos primeiros dias na sede, depois dados os riscos que corria fazíamos mesmo em plena rua.

VP - Que faziam nessas reuniões?

- Procurávamos discutir todos em conjunto o que se estava a passar, que cautelas é que devíamos ter cada dia que ia passando, o que é que íamos fazer no dia seguinte.

VP - Contactaram com a população de outras zonas?

- Andámos de comissão em comissão a saber o que é que estavam a fazer. Dissámos aos que não estavam a reunir que não se intimidassem, era importante que se reunissem, que discutissem o que se estava a passar, que se organizassem.

VP - Houve alguém que tentasse impedir a vossa luta?

- O impedimento que existiu até aqui, pelos caciques do P'C que tentam isolar as CM da população, e nestes dias isso foi mais nítido. Enquanto a situação se estava a agravar, na cooperativa eles estavam a projectar filmes de Cow-boys.

Quando estávamos na rua a reunir eles começaram a dizer às pessoas para não se aproximarem porque corriam o risco de serem presos. Disseram que quando isto acalmasse nós éramos todos presos porque as comissões iam acabar etc.

VP - Que viram de positivo na vossa luta, e que aprenderam com ela?

- As pessoas estiveram na rua: Aprendemos mais nestes dias do que em muitos meses.

Com os piquetes eles podiam chegar aqui, mas não avançavam, porque pensavam: 'alto lá, o povo aqui está organizado'.

O estado de sítio, na minha maneira de ver, era uma forma de conseguirem aquilo que queriam, para reprimir o povo.

A partir do momento em que houvesse uma paralização de todos os trabalhos, tudo viesse para a rua, e não se respeitasse o estado de sítio, como aqui isto não chegava a onde chegou.

Para a próxima vez o povo vem todo para a rua. Faz-se greve geral. Nessa altura já não se faz o que se fez agora. Não vamos só os que fomos hoje, vamos todos, eles não avançam nem mais um milímetro. Não-de recuar eles, a gente vai avançar.

ENTREVISTA COM UM 'COMANDO'

'Chamam-me reaccionário porque estou nos comandos..'

Nas acções militares que se vieram a desenvolver nestes últimos dias, ressalta o papel fundamental que tem cabido ao Regimento de Comandos. Mais particularmente na Amadora, tem-se vindo a verificar incidentes entre militares aí aquartelados e populares.

É assim que na última semana, quando camaradas da UDP vendiam o nosso jornal, alguns 'Comandos' interpelaram-nos, fazendo provocações, tentando agredi-los e rasgar-

o que não vieram a conseguir.

'Voz do Povo' perante este tipo de actuações, achou que teria interesse trocar algumas impressões sobre este assunto com dois camaradas soldados-comandos da Amadora.

- Eu acho que se eles fizeram isto foi para se evidenciarem.

- Os maiores conflitos e as maiores confusões têm sido desenvolvidas por aqueles tipos que foram recrutados para o AMI. O AMI foi extinto e mais

disso o pessoal já quase que não pode falar com alguns camaradas mais porreiros, pois está sujeito a sofrer represálias lá do sacana do 'xico'.

VP - Porque é que vocês não se conseguiram organizar numa Comissão de Soldados que fosse capaz de sanear toda essa escumalha?

- Depois daquela história da tentativa de saneamento do Jaime Neves, a malta cortou-se pois foram saneados uma data de tipos.

VP - Então, mas vocês não reagiram?

- E que aquilo foi assim: o sr. General Otelo, chegou lá e disse: "Este tipo fica cá porque eu tenho confiança nele". Além disso o general, com aquelas estrelas todas em cima dos ombros, nem sequer permitiu nenhuma discussão, não perguntou se a malta estava de acordo ou não. Se o pessoal pudesse ter decidido, eu estou convencido que o Jaime Neves era expulso da unidade.

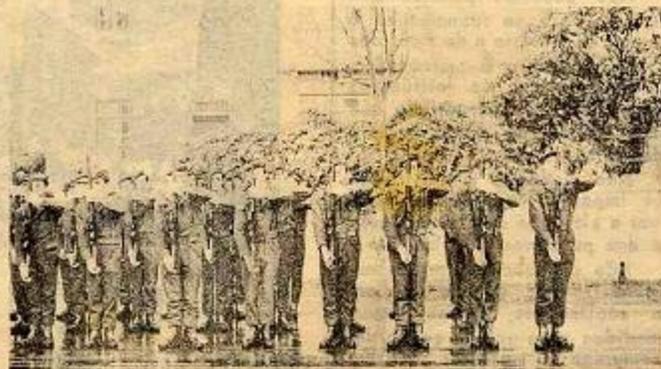
- Olha, eu vim para aqui e sofri: apanhei um estilhaço na perna, houve outro que morreu e assim passamos todo o dia a fazer 'preparação física'.

VP - Como é que vocês vêm o primeiro ataque à PM por volta da 1 hora da manhã do dia 26?

- Eu não estive lá mas aquele pessoal que foi, ficou todo contente só porque conseguiu descarregar os carregadores da G3. Têm a mania dos tiros. Dão tiros só pelo prazer de dá-los.

- Eu não admito que aconteça outra vez o que aconteceu: soldados dum lado, soldados do outro, todos aos tiros.

- Nós temos andado sob



A burguesia reaccionária precisa dum aparelho militar obediente para reprimir

do-lhes os jornais.

Entretanto, um trabalhador de certa idade que passava, apoiou decididamente os nossos camaradas; perante isto, os Comandos depois de o provocarem, desataram o cinto e começaram a espancá-lo, e não fora esse trabalhador pôr-se em fuga e talvez se tivesse de contar com mais uma vítima da actuação destes Comandos. Não contentes com isto, dirigiram-se à sede da UDP na Amadora tentando arrombar a porta e assaltá-la pela janela,

não sei quê, mas os tipos continuam a receber 5 contos e tal, enquanto que um soldado recebe 250 escudos ou pouco mais.

VP - É verdade que alguns camaradas do Regimento tenham sido passados à disponibilidade, por defenderem posições revolucionárias?

- Pelo menos numa companhia houve um soldado que foi embora, mas o capitão, que é dos mais reaccionários, de tipo nazi, não nos explicou nem como, nem porquê, portanto não soubemos de nada. Além

MORRE MAIS UMA COLÓNIA!

Nasce a República de Timor-Leste

Contra as tentativas do governo português de prolongar a dominação colonial e contra as invasões e ingerências estrangeiras, mais uma colónia portuguesa se transformou em país independente, mais um povo conquistou, pelas armas, a sua liberdade.

A independência de Timor, foi proclamada pela FRETILIN (Frente Revolucionária para a Independência de Timor-Leste) no dia 28 de Novembro. Mas enquanto nasce a República de Timor-Leste tropas indonésias, já numa invasão completamente descarada, tomam Atabae, uma localidade situada entre a fronteira com a parte indonésia da ilha e Dili, capital de Timor-Leste. E se isto acontece é porque o que mais enfurece o fascista Suharto (chefe do governo da Indonésia) é o facto do povo de Timor, mesmo desfalado pelas duras batalhas que têm travado ultimamente, não desistir da luta e tomar nas suas mãos o próprio destino.

A proclamação da independência foi o culminar de uma luta que nos últimos meses o povo de Timor tem travado contra um inimigo militarmente

te poderoso. Mesmo assim, tem sido a FRETILIN, através das suas forças armadas, as FALINTIL, a fazer recuar todos os ataques e invasões e a assegurar o controle militar do território.

Quando, em Agosto, a UDT decidiu romper unilateralmente o pacto anteriormente estabelecido com a FRETILIN, isso tinha uma razão. É que a ligação cada vez mais profunda que se estava a estabelecer entre a FRETILIN e o povo timorense iria em breve deitar por terra todas as tentativas mais ou menos disfarçadas de neo-colonialismo.

De então para cá, as forças pró-indonésias, assim como o governo de Suharto, têm sido obrigadas a revelar a sua verdadeira face: inimigos do povo timorense, mostrando pelos interesses deste um profundo desprezo.

No entanto, quer o golpe da UDT, em Agosto, quer as sucessivas manobras e agressões militares que se seguiram, tudo tem falhado. O povo de Timor respondeu sempre com firmeza, apesar de lutar em condições muito desfavoráveis - eis uma grande lição

para os povos de todo o mundo!

E quanto ao governo português, responsável até há bem pouco pela administração do território, que fez? Recusando-se a tomar uma posição face à invasão e às interferências estrangeiras, cumpre o papel de colaborante com o neo-colonialismo, discutindo, ora com a Indonésia, ora com a Austrália, o destino de Timor-Leste. Por outro lado não quer reconhecer a independência, enquanto fala na ONU, abusivamente, em nome da ex-colónia. É isto que significa na prática, a política de 'descolonização' do governo português.

'VOZ DO POVO' saúda a independência de Timor-Leste, tão heroicamente conquistada; ao mesmo tempo apela ao povo português, aliado natural dos povos das ex-colónias, para que manifeste a sua solidariedade através de um apoio concreto à luta deste povo irmão, ainda cercado pelos inimigos.

VIVA TIMOR-LESTE INDEPENDENTE!

O POVO DE TIMOR VENCERÁ!

COMÍCIO UDP

cont.da pág.1

ofensiva do governo contra os órgãos de vontade popular, os mais visados são as comissões de soldados e marinheiros. Foram aliás as primeiras a ser atacadas. É que a burguesia reaccionária sabe que se não tiver o aparelho militar bem obediente, nada conseguirá levar à prática. Alguns meses mostraram-lhe isso mesmo. Por isso mesmo, já se assistia à perseguição de camaradas das comissões de soldados, ou então à proibição das próprias comissões de soldados, como nalguns quartéis. É necessário mais do que nunca o reforço das comissões de soldados, porque hoje o número de oficiais reaccionários aumentou e esses, camaradas, só podem dar ordens reaccionárias aos soldados, ordens de repressão sobre o povo. É necessário estreitar a ligação das comissões de soldados aos outros órgãos de vontade popular, única barreira verdadeiramente sólida contra qualquer ofensiva reaccionária.

LUTAR CONTRA AS MEDIAS DO GOVERNO

O governo já anunciou e já se realizaram aumentos consideráveis de preços, géneros de primeira necessidade e não só, como o arroz, o azeite, a gasolina e outros. E isto ao mesmo tempo que fazem baixar salários.

O governo abre por completo Portugal ao capital estrangeiro, que vendo melhores consideráveis na situação, já acha que é seguro vir-nos para cá explorar.

Fala cada vez com maior insistência nas ocupações ilegais de terras, sendo já seguro que se propõe roubar as terras que pertencem aos trabalhadores alentejanos.

Entrevista com um 'comando'

cont.pág.3

um estado de tensão enorme pois os oficiais andavam sempre a mandar boatos, a dizer que iam ser atacados por esta ou aquela unidade.

— Por causa destes acontecimentos, só porque estou nos Comandos, já sou um reaccionário. Pelo menos é o que me chamam na rua.

VP — Nós dum coisa estamos certos: dentro do Regimento de Comandos, há reaccionários e fascistas, e o Regimento, comandado por esse canalha do Jaime Neves, tem tido uma actuação de tal ordem, que tem provocado junto do povo uma má impressão e uma repulsa em relação aos soldados. Mas também, quando foi bombardeada a Rádio Renascença pelos paraquedistas, estes também se viram isolados em relação ao povo.

Em conclusão: para o Povo não voltar a chamar reaccionários a todos os Comandos, é preciso que eles demonstrem que não o são, não indo atrás de mais nenhuma ordem da 'xicalhada' fascista, e expulsando-a definitivamente do quartel.

Em relação aos 'páras', a questão foi clara: enquanto o VI governo e os partidos burgueses podiam servir-se deles para reprimir o povo, estava tudo muito certo. Quando os

Começa já a falar em desnacionalizações.

Avança cada vez mais com o aumento de impostos para levar à prática a sua política de ruína dos pequenos e médios camponeses e dos pequenos proprietários e comerciantes.

A política económica do governo pode-se resumir em poucas palavras:

Por a máquina capitalista em funcionamento, fazer a Reforma Agrária andar para trás e abrir Portugal ao capital imperialista.

Camaradas: É necessário lutar contra estas medidas do governo.

Lutar contra a carestia de vida.

Não podemos permitir que a burguesia se recomponha à custa da miséria e da fome dos trabalhadores. É necessário defender todos os latifúndios ocupados, não permitindo que nos roubem um único hectare de terra.

Não podemos permitir que os impostos continuem a agravar a situação dos camponeses e dos pequenos proprietários.

Não é acabando com as nacionalizações que se combate o capitalismo, ou se tomam medidas para acabar com o desemprego e melhorar a situação dos trabalhadores.

Por isso há que dizer NÃO às desnacionalizações.

Camaradas:

A nossa luta é a luta de todo o Povo. Ninguém nos afastará dela porque os seus objectivos são justos, e são os únicos que correspondem aos anseios mais profundos das massas populares.

Não será o VI governo nem o fascismo a quem abriu as portas que pararão o nosso caminho irresistível para a democracia popular.

soldados começaram a abrir os olhos e sanearam os oficiais reaccionários que lhes montaram estas armadilhas, então aí, os páras já não serviam, só eram 'incomodativos', era preciso acabar com eles. Perante isto, estes reagiram muito justamente.

Os Comandos têm que compreender, definitivamente, que com as suas atitudes e a sua actuação, estão só a servir meia dúzia de tipos que gostam muito do seu tacho, e são capazes de afogar o povo num banho de sangue, se dor preciso, só para continuarem a ter os mesmos privilégios que tinham. E contra isto que os Comandos devem lutar.

Para isso, é preciso organizar a democracia no quartel, e-leger a Comissão de Soldados, sanear os fascistas, discutir as ordens que são recebidas. Os soldados não são nenhuns palhaços que andam aí para servir essa corja de bandidos que são os 'senhores' deste país. Os soldados têm que saber servir o Povo, defendendo as suas conquistas.

Uma mãe dizia há dias para o seu filho, que era soldado.

Filho, tu és Povo, não voltas nunca a tua arma contra o povo, senão mata-me a mim primeiro.

DESMOBILIZADOS DO EXÉRCITO BURGUESES

cont.pág.6

pular de Angola que, após as primeiras hesitações se pôs ao lado da luta dos seus camaradas — resistiram a essa medida, desenvolvendo uma luta exemplar, luta essa considerada justa por todos os seus irmãos de classe.

É certo que a sua impaciência e a sua vontade de defender a Revolução os levaram a ser mais uma vez joguetes nas mãos da burguesia. Os 'páras' foram atirados por Cunhal para a fogueira, porque ele queria fazer pressão

Nós, os soldados saneados dos quartéis, não vamos ficar inactivos. Procuramos organizar-nos e juntar os nossos esforços porque a luta que iniciámos dentro dos quartéis deve prosseguir vitoriosamente fora deles.

Mais que nunca a luta terá de estar estreitamente ligada às organizações de vontade popular.

É imperioso que os camaradas soldados que se viram atirados para as suas casas e na sua esmagadora maioria

feita através dos seus órgãos representativos — os órgãos de vontade popular.

Sabemos que a próxima etapa da avançada fascista será a tentativa de reprimir a livre constituição e funcionamento desses órgãos.

Os órgãos de vontade popular têm de se alargar e consolidar, bem como têm de encontrar objectivos comuns para a sua luta.

Só assim se poderá evitar o regresso ao fascismo.

3. Pela libertação dos camaradas presos — Neste momento muitos camaradas nossos, que não tiveram o mínimo envolvimento nas golpadas da burguesia pagam na prisão o aventureirismo de alguns. Esses camaradas têm de ser imediatamente soltos e em torno desse objectivo temos de desenvolver os maiores esforços. Se o 25 de Novembro é data querida da burguesia pelos seus golpes e contra-golpes, o 27 de Novembro é efectivamente a data significativa para todos os que lutam pela sua emancipação. Foi a partir desse dia, que com a definição da situação, decididamente a favor da direita, se abateu a repressão com toda a sua fúria sobre o movimento dos soldados, sobre os melhores filhos do nosso povo, dentro e fora dos quartéis.

4. Contra a escalada fascista — Temos que mobilizar todas as forças, unificando-as em torno dum vasta campanha antifascista e anti-imperialista.

Neste momento, existem elementos suficientes que nos permitem ver claramente como é que se é verdadeiramente antifascista e quem são os verdadeiros antifascistas. Neste momento existem já largas camadas de trabalhadores que compreenderam quem são os



É imperioso que os soldados ponham a sua experiência de luta ao serviço de todo o povo

para arranjar mais pastas no Governo e prosseguir a sua política de traição à classe operária e ao povo trabalhador. Foram jogados pela direita que sabia de tudo desde o princípio e que viu aí a grande oportunidade de conseguir um pretexto para, a coberto do título de 'salvadores da nação do totalitarismo vermelho', reprimirem e esmagarem a luta dos quartéis e abrirem caminho para esmagar o campo popular revolucionário.

Aqui, mais uma vez, os paraquedistas tiveram uma atitude exemplar. Se, por um lado, acabaram por se aperceber destas manobras, viram, por outro, que estava em marcha um avanço generalizado das forças da direita reaccionária.

Daí a sua atitude de aguentarem firmemente no seu posto. Este aspecto que ilustra bem a sua abnegação e combatividade revolucionária é digno da nossa admiração.

Só a falta dum verdadeira direcção política — que todos sentiram — só a falta dum verdadeiro partido que conduzisse e coordenasse a combatividade popular dentro e fora dos quartéis, mobilizando as Comissões de Trabalhadores, Comissões de Soldados e de Moradores, todas as estruturas de vontade popular é que permitiu que chegássemos ao ponto em que estamos.

Pessoalmente, como soldado, quero aqui deixar expressa a minha admiração e a minha solidariedade para com os camaradas de Tancos, que jogados e manipulados pela burguesia, souberam encontrar finalmente uma forma justa e exemplar de se colocarem ao lado da luta dos explorados deste país e quero também apelar para que não desmobilizem do exército de todos os explorados deste país.

VP — Expulsos dos quartéis, que tencionam fazer? Quais as vossas perspectivas de luta?

R — É claro que neste momento não podemos desmobilizar da luta.

para o desemprego, ponham toda a sua experiência ao serviço da classe operária e do povo trabalhador. Mais que nunca temos de estar todos unidos; mais que nunca temos de procurar uma direcção firme e comum. Unidos em torno dos nossos objectivos de classe, alcançaremos a vitória. Isolados, guerreando-nos uns aos outros, em torno de egoísmos mesquinhos e vaidades pessoais seremos presa fácil nas mãos dos Jaime Neves e todos os fascistas deste país. Neste momento, temos quatro pontos à volta dos quais desenvolvemos a nossa luta:

1. Luta pela democracia nos quartéis — as conquistas



Com o 25 de Novembro os ditos comandos e o governo puderam lançar soldados contra soldados

já alcançadas, como sejam, a constituição de Comissões de Soldados e a possibilidade de realização de plenários de classe, tal como o podem fazer sargentos e oficiais, são direitos mais que justos e indispensáveis para que as prepotências e a utilização dos soldados como escravos humilhados e selvaticamente reprimidos pela burguesia possam terminar.

2. Luta pela manutenção e defesa das conquistas populares e dos soldados — a nossa luta, como já atrás foi dito, tem de estar sempre intimamente ligada à luta mais geral de todos os explorados e essa ligação só poderá ser

seus amigos e quem são os oportunistas que apenas pretendem desmobilizá-los para a concretização dos seus sonhos de poder, não hesitando em apunhalá-los pelas costas à primeira reviravolta dos acontecimentos.

Temos de alargar ainda mais essa imensa força, enraizá-la junto de todo o povo, desmascarar tudo o que deve ser desmascarado para que seja possível criar uma verdadeira frente antifascista e patriótica que agregue as largas massas dos explorados do nosso país.

E assim poderemos estar certos de que efectivamente o fascismo não passará

As lições do 25 novembro

À medida que os graves acontecimentos desencadeados a partir de 25 de Novembro se vão tornando mais claros e compreensíveis e a burguesia ameaça levar até ao fim a restauração completa da sua 'ordem', os trabalhadores e o povo procuram organizar-se melhor e correr fileiras como forma de garantir a defesa intransigente das suas conquistas.

A firme resistência popular, cimentada no meio de uma certa confusão, incerteza e perigo, vai engrossando ao ritmo do desenrolar de novos factos.

Enquanto os traidores cunhalistas maquinam, como sempre nas costas dos trabalhadores, qual a melhor maneira de correr para novas negociações de gabinete, duas outras facções da burguesia - social-democrata e fascista - disputam entre si a 'competência' em aplicar com eficácia o seu programa de contenção do movimento popular, repressão às suas lutas e esmagamento das suas conquistas.

A história imediata destes dias, por mais narrativas cronológicas que se façam, não poderá ainda estar possuída do vigor objectivo e preciso que a gravidade dos acontecimentos e, mais ainda, as suas consequências, exigem. É evidente que para os revolucionários é à luz da luta de classes e da sua participação activa nas movimentações populares que tudo é visto e analisado. Faltam, contudo, dados, já que tantos silêncios criam necessariamente lacunas.

Várias lições são, apesar disso, evidentes desde já: a traição cunhalista, o avanço so-

cial-democrata, a tentativa de ultrapassagem fascista e, uma vez mais, o acobardamento cúmplice dos especialistas da política anti-operária e anti-popular do falso partido comunista.

Quando na madrugada do dia 25, cerca de 1.100 soldados e 400 sargentos pára-queidistas da Base-Escola de Tancos decidiram ocupar as bases aéreas de Tancos, Monte Real e Montijo, o Estado Maior da Força Aérea e o comando da 1.ª Região Aérea, em Monsanto, a sua luta era justa.

Eles lutavam pela democratização da unidade e pelo saneamento dos seus chefes opressores, os generais Pinho Freire e Moraes da Silva, cujas posições reacçãoárias haviam chegado ao ponto de ordenar oficialmente, em 22 de Novembro, a extinção daquela Base-Escola.

O partido de Cunhal utilizando-se desta luta, encorajando-a e prometendo-lhe apoio, na mira de através dela criar as condições propícias às suas manobras de gabinete, para ganhar mais alguns lugares no Governo Provisório e no chamado 'Conselho da Revolução', acabou por trair miseravelmente esta luta, quando se apercebeu que o Governo se dispunha a reprimir.

Recolhendo as garras, Cunhal desmobilizou os militantes do seu partido, abandonou o povo e os trabalhadores que nele ainda acreditavam, e que se viram a braços, bruscamente, com uma avançada fascista de proporções galopantes. Mais de um milhar de militantes operários da margem sul, ras-

garam os seus cartões de filiação, muitos deles entre lágrimas de desespero e revolta pela traição.

Imposto o estado de sítio e o recolher obrigatório, suspensas as liberdades de expressão, informação, reunião e manifestação, o falso partido comunista não tomou a mínima posição. Nenhum movimento contra tais medidas. O medo de que qualquer movimentação hostil ao governo (em que continua a ter um ministro) viesse a colocar em perigo as futuras novas negociações, levou os cunhalistas à miserável atitude.

Melo Antunes e os democratas burgueses da sua linha, que haviam assumido de início o controle da situação, estão prestes a perdê-lo para as mãos da direita fascista; ELP's, M'D'LP's e CDS's levam a cabo acções terroristas no Norte; o nazi Jaime Neves domina a cidade com os seus chaimites e as suas espingardas, matando a sangue-frio - enquanto o partido de Cunhal... cruza os portões de Belém para mais uma negociação.

Os revolucionários sabem que os traidores cunhalistas que, por ora, 'desapareceram', breve voltarão, para tentar de novo encavalitar-se às costas dos trabalhadores e repetir o envolvimento ao movimento popular na tentativa de desmobilizá-lo. Há pois, que estar alerta.

Hoje, contudo, urge dar força ao movimento popular crescente contra o gangsterismo de Jaime Neves e o reacçãoarismo de Pires Veloso, e barrar o caminho ao fascismo.

LATIFUNDIÁRIOS E PEQUENOS AGRICULTORES NÃO TÊM OS MESMOS INTERESSES

Na noite de 24 para 25 de Novembro, grupos de camponeses da região de Rio Maior dirigidos pelos latifundiários e outros reacçãoários cortaram a maior parte das estradas que ligam Lisboa ao Norte do país e o caminho de ferro do Oeste, impedindo a circulação. Segundo afirmavam estas acções tinham por fim apoiar um caderno reivindicativo que ia ser apresentado ao Presidente da República.

A maior parte das suas 13 exigências destinavam-se a acautelar os interesses dos latifundiários. Estes não querem que a Reforma Agrária avance ou pelo menos querem ter o direito de roubar tudo quanto existe de valor nas propriedades expropriadas, à sombra dum lei da Reforma Agrária 'ordeiramente' aplicada. Assim o seu principal inimigo são as ocupações 'selvagens', as distribuições 'unilaterais' de pessoal pelos sindicatos e os técnicos do Centro Regional da Reforma Agrária. Isto é claro e não engana ninguém. Contudo ao lado destas exigências há outras que pretendem defender os interesses de todos os 'agricultores', desde o latifundiário que tem milhares de hectares de terra, tractores, máquinas, até ao pequeno camponês que trabalha a sua pequena terra com

o seu próprio trabalho e com grandes dificuldades de toda a ordem. Mas será que os interesses dos latifundiários são os mesmos que os dos pequenos camponeses? Não!

Então porque é que se fazem Plenários e cadernos rei-

e roubado, enquanto se preparam para voltar a fazê-lo.

Senão vejamos quem é que estava nos antigos Grêmios da Lavoura fascistas? Eram os pequenos e médios camponeses? Não, eram os latifundiários e demais fascistas.



Rio Maior: Convém aos latifundiários utilizar os pequenos e médios camponeses como tropa de choque, depois de sempre os terem explorado e roubado

vindicativos em que se mistura tudo? Porque convém aos latifundiários utilizar os pequenos e médios camponeses como sua tropa de choque depois de sempre os terem explorado

Defendiam estes nessa altura os interesses dos pequenos e médios camponeses? Preocupavam-se em que eles tives-

CONT. PÁG 2

Azambuja: Os fascistas querem habituar o povo à repressão

Na sequência dos acontecimentos de 25 de Novembro, os trabalhadores de várias cooperativas e herdades ocupadas têm sido alvo de grandes vexames.

Os fascistas da zona fazem correr à boca cheia que as herdades Torre Bela, Vale de Mouro e Comuna de Aveiras de Cima, entre outras, estavam a abarrotar de armas.

A tropa de Santarém tem, assim, um bom pretexto para, com grande aparato, avançar pelas herdades adentro. Vasculharam tudo e foram para a televisão dizer que nomeada-

se não fosse tanto trabalho; o lagar está a funcionar e já lá se plantou milho. Se não se semeou mais nada é porque não era altura. No Vale de Mouro colheu-se a azeitona, tem-se amanhã a terra. Se não se amanha mais é porque não se pode andar a esgravatar com as mãos, e os apoios do Estado não têm sido muitos. Agora já se tem garantido subsídio, pelo menos para pagar os ordenados'.

Nós sabemos que, neste momento, há trabalhadores e pequenos agricultores que se deixam levar na conversa dos fas-



Azambuja: Se não se amanha mais é porque não se pode andar a esgravatar com as mãos, e os apoios do Estado não tem sido muitos

mente na Torre Bela, havia grande quantidade de armamento e fardas do Exército.

'Aquilo na televisão foi manobra para dar a entender que o povo está cheio de armas. Que armas podemos ter? Caçadeiras toda a vida as tivemos para matar uns coelhos, a não ser que os matássemos à fígão! Mas os grandes senhores, esses também as têm, e muito melhores que as nossas, senão para que queriam as coutadas! Fardas da tropa, isso até na Feira da Ladra, lá em Lisboa, as há à venda.

E se tiverem alguma arma melhor, não é para apontar a quem os apoia, é para se defenderem dos fascistas. Eles vieram logo a correr de Rio Maior e puseram-se lá ao portão à espera de ver sair um grande arsenal, se calhar para lhe deitar logo a mão... Buscas às casas dos fascistas não fazem eles, não!

Está à vista a principal intenção destas operações: intimidar o povo. Dar força aos fascistas para avançarem nas provocações. Habituar os trabalhadores à entrada da tropa, hoje com o pretexto da caça às armas, amanhã para a caça aos próprios trabalhadores para os desalojar das terras que lhes pertencem.

SÃO SÓ LADRÕES! QUEREM ARRANJAR-SE A CUSTA DE ROUBAR!

Os fascistas põem a correr quem ocupa as terras são ladrões, são estrangeiros que depois não amanharam as terras. Na Torre Bela, desde Maio já foram tratadas as vinhas, que a esta hora tinham morrido

cistas. Que entendem que ocupar as terras é roubá-las aos seus legítimos donos. Nós perguntamos: Quem tem direito à terra? Será quem nunca a trabalhou? Quem a deixava ao abandono, a reservava para coutadas? Quem nunca pegou numa enxada?

Ou serão aqueles que toda a vida deram o seu suor para que a terra produzisse? A isto há quem responda: toda a vida houve ricos e pobres. E que uma coisa é os ricos fazerem tudo o que querem e outra é ficarem sem nada.

A isto respondemos com as palavras de uma mulher do povo: "Há muitas pessoas que admiram os que enriquecem depressa, porque são pessoas espertas, não vêem que a esportividade desses poucos é a palermice de muitos que trabalham toda a vida para eles. Ao fim de muitos anos de trabalho recebem umas telhas e umas portas para uma casita, quando já lhes pagaram as telhas e a porta de um palácio'.

não deixes calar a VOZ do POVO

PORTUGAL

Anual 112\$00
Semestral 58\$00
Trimestral 30\$00

MADEIRA E AÇORES

(por avião)
Anual 135\$00
Semestral 70\$00
Trimestral 36\$00

Desmobilizados do exército burguês cerraremos fileiras no exército do Povo!

'O nosso afastamento dos quartéis é um golpe na organização dos soldados, uma tentativa de estrangulamento da nossa luta, mas de modo nenhum a sua sufocação.

Isto apenas pode ser o vento que fará atijar a fogueira com redobrado vigor'.

Estas as palavras dum camarada soldado, saneado da sua unidade, na entrevista que reproduzimos. Esta a única perspectiva possível para todos nós de encerrar as medidas repressivas do VI Governo. As condições postas para governar só serão realidade se o povo deixar.

Mas tal como o irmão soldado afirma, não podemos recuar nem um passo.

VP - Como membro dum Comissão de Soldados como explica a passagem compulsiva à disponibilidade no momento actual?

R - De facto muitos camaradas foram saneados das suas unidades. Isto significa uma tentativa da burguesia para salvar o exército tradicional que começava a fugir-lhe ao controle. E digo isto porque num período não revolucionário, as conquistas dos trabalhadores são prontamente reprimidas por qualquer força, o exército inclusivamente. Ora neste momento, e sobretudo depois do 11 de Março, a luta que sempre existira desenvolveu-se bastante, atingindo formas superiores. Portanto, com este avanço da luta nós, soldados, começamos a aperceber-nos de que efectivamente somos filhos do povo, que é ao lado dele que devemos

se as ordens dadas iam ou não contra os interesses da nossa classe.

É claro que Pinheiro de Azevedo gostaria dum exército que fizesse plênários com a classe dele, que a servisse, que estivesse ao seu inteiro dispor. E isto é precisamente o exército tradicional, com a velha 'ordem e disciplina' em que se pretende que os interesses dos soldados sejam os mesmos do general, quando o soldado ganha 248\$50, é constantemente humilhado e o general que ganha 20 contos ou mais e utiliza os soldados como quer e lhe apetece!

A burguesia, na boca de Pinheiro de Azevedo, tenta, através de discursos, aplanar as diferenças de classe que são bem vincadas no exército burguês.

Portanto, no momento actual, afastar os camaradas

to, não se passa assim; os exploradores procuram estruturas de repressão que arrastem as conquistas dos trabalhadores, o que é um passo para o fascismo.

VP - Esta medida de saneamento que atinge a tua unidade é extensiva a outras?

R - Evidentemente, todas as unidades, todos os ramos das Forças Armadas são atingidos. Como o próprio Jaime Neves diz, é uma operação que a burguesia tem que levar a fundo, para ir até às últimas consequências: destruir por completo toda a organização, primeiro dentro dos quartéis, depois fora deles, para instaurar o fascismo.

E digo isto porque qualquer democracia burguesa conduz ao fascismo, principalmente em Portugal, em que as lutas dos trabalhadores já avançaram de tal modo que não podem ser abafadas, senão através do terror e violência - o fascismo.

VP - A teu ver, quais serão as consequências dessa medida para o movimento dos soldados?

R - Em primeiro lugar, é preciso ter consciência de que nós, os soldados, podemos ser pouco esclarecidos, mas não estúpidos, como pretende fazer crer a burguesia. Estamos a pensar que a saída dos elementos mais combativos significa a paralisação da luta dos soldados e alinhar no raciocínio da burguesia que não vê e não compreende o avanço da luta do povo, mas que vê sempre todas as movimentações dirigidas por um cabecilha que leva atrás de si adeptos, como carneiros.

O que se passa dentro dos quartéis: não se trata de utilizar demagogicamente os soldados para fins pessoais ou estranhos a eles; foi, sim, a própria luta dos soldados em geral que segregou do seu seio esses elementos mais combativos que estiveram à frente da sua luta. Quer dizer, essa vanguarda apenas existia porque correspondia e defendia os reais interesses dos soldados. Só a partir daqui é que podemos ver correctamente o que significa este nosso afastamento: é um golpe na organização dos soldados, uma tentativa de estrangulamento da sua luta, mas de modo nenhum a sua sufocação.

As condições de humilhação, de aniquilamento da personalidade, da negação total dos direitos mais elementares dos soldados, de exploração infame, não só continuam como se agravaram, devido à abolição da nossa organização, da nossa democracia que impusemos aos oficiais.

Isto apenas pode ser o vento que fará atijar a fogueira com redobrado vigor. Os camaradas que ficaram dentro dos quartéis não foram espectadores passivos do que se passou: o afastamento dos mais combativos, sentiram-no eles como uma amputação na própria carne. Por isso tenho a certeza de que outros soldados tomarão o nosso lugar para se porem à frente da luta.

VP - Podes dizer-nos o que pensas acerca do que se passou na PM, RALIS e Tancos?

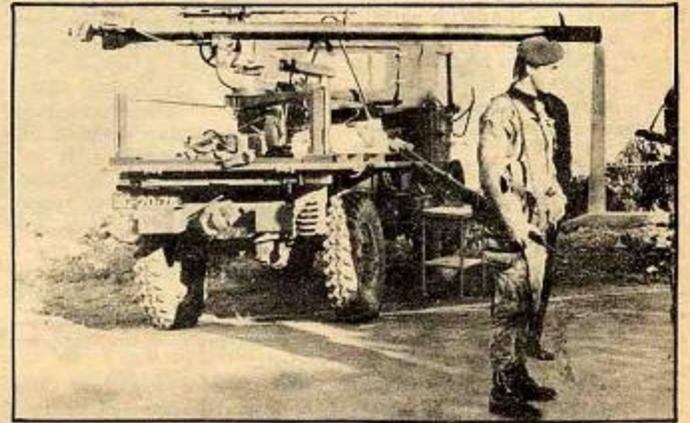
R - Há já muito tempo que a burguesia gritava histericamente contra a 'desordem, o caos, a indisciplina, a anarquia' nos quartéis.

Queriam com isto dizer, e muito justamente, que os soldados estavam a escapar ao seu controle de classe. Ora isto aconteceu, de um modo geral, em todas as unidades e, dum modo particular, na PM e RALIS.

Neves. Onde quer que estejam, eles vão continuar a luta.

Tancos é por assim dizer o nó das diversas questões que vão desaguar no 25 de Novembro. Creio que para compreendermos melhor o seu papel temos de recuar um bocadinho. Os camaradas paraquedistas foram utilizados e manipulados várias vezes pela burguesia.

O avanço da sua luta, da luta mais geral dos outros soldados e de todo o povo trabalhador fez com que elas adquirissem consciência dessa



Tancos: até aqui os soldados sempre estiveram ao lado do Povo; hoje é necessário que o Povo apoie com todas as forças a luta dos soldados

Há muito que estas últimas unidades vinham sendo os alvos dos ataques do Estado Maior, e dum modo geral, de toda a burguesia, que através dos seus partidos, jornais e todos os meios ao seu alcance várias vezes pedira a sua dissolução.

Os trabalhadores da Ajuda e os seus moradores são quem melhor pode explicar porque é que a PM que sempre se recusou a reprimi-los e se pôs a seu lado, foi atacada pelo fascista Jaime Neves.

O mesmo se poderá dizer em relação ao RALIS e aos trabalhadores da cintura industrial de Lisboa. No caso concreto do RALIS, os antecedentes vêm mesmo, como sabemos, do 11 de Março, que deram a prova clara de que não seria facilmente vergado pelos ataques das forças contra-revolucionárias.

No fundo, a questão é sempre a mesma: as forças anti-populares não podem tolerar verem fugir-lhes das mãos as suas estruturas de dominação e repressão. Jaime Neves sabia bem que o RALIS e a PM eram unidades que, entre outras, se oporiam à sua agressão fascista. Por isso tinha que as aniquilar e dominar operacionalmente, claro.

Sublinho 'operacionalmente', porque não se pode confundir o domínio militar com o esmagamento pela força e o esmagamento político. Quero dizer: o facto desses camaradas terem sido provisoriamente derrotados em termos militares - diga-se de passagem que os soldados mostraram ter mais consciência dos perigos da guerra civil do que os camponeses burgueses do socialismo - não significa que tenham passado a perfilhar as ideias fascistas do Jaime

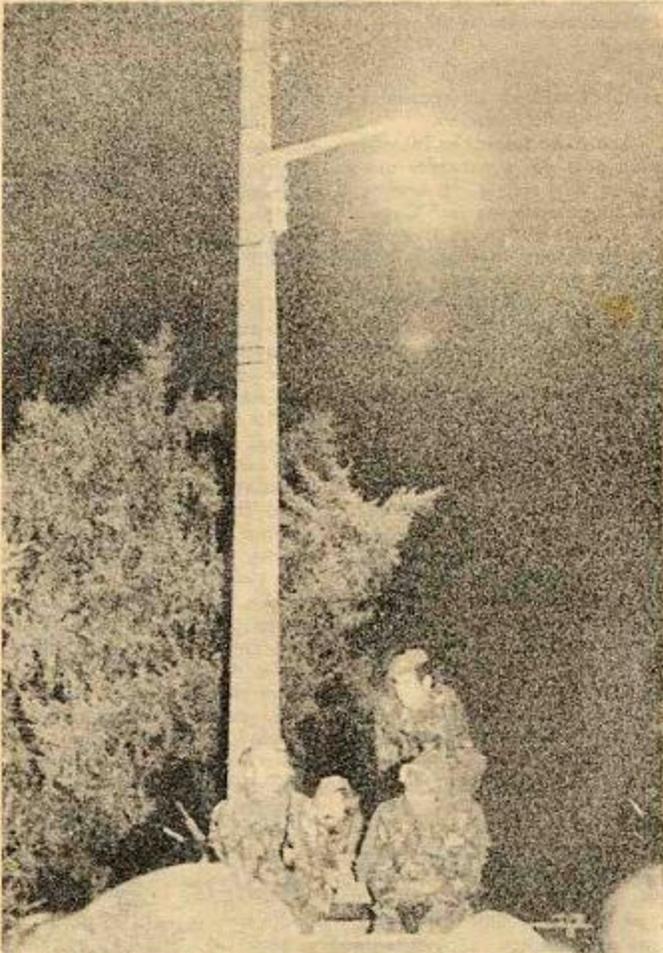
manipulação. E foi por isso que essa luta revestiu formas mais agudas em Tancos.

Tradicionalmente considerados como tropa de elite, maior era o fosso entre as convicções de classe dos oficiais e a consciência nascente dos soldados, ao lado dos quais se puseram alguns sargentos. Foi por isso que os 123 oficiais de Tancos, não se conseguindo ajustar às mudanças qualitativas da luta dos soldados, saíram de Tancos e foram apresentar-se ao Estado Maior da Força Aérea. Julgavam eles que deste modo a unidade cairia por si, que os soldados seriam incapazes de a manter em funcionamento. Isto não aconteceu, apesar de todo o boicote administrativo: corte de alimentação, de electricidade, tentativa de isolamento, pressões de toda a ordem, etc.

O caso de Tancos é uma grande prova de energia criadora das massas, da sua combatividade e de que as velhas estruturas de dominação não fazem falta nenhuma (antes pelo contrário) para a construção da sociedade sem classes que pretendemos. Foi o povo que, desde o princípio, se pôs ao lado da justa luta dos 'páras', fornecendo-lhes mesmo comida, roupa e dinheiro.

Mas por outro lado, Tancos era uma grande nódoa que a burguesia tinha de limpar a todo o custo. Daí, a tentativa de dissolução da unidade e a ordem de passagem compulsiva à disponibilidade de todos os paraquedistas.

Os camaradas de Tancos, bem como os seus destacamentos estacionados em Lisboa e outras unidades e até mesmo o destacamento chegado há pouco da República Po-



Força dos tanques de Jaime Neves: a democracia que está à vista de todos

estar e que é dele que devemos receber ordens e instruções.

Quando Pinheiro de Azevedo disse na televisão que antes de executarmos uma ordem fazíamos um plênário reconhecendo uma realidade. Os plênários eram feitos para ver

mais combativos, é tentar abafar e destruir a luta de classes no exército para funcionar como um bloco para instaurar o fascismo. Como já disse atrás, a organização dos soldados era um entrave para a burguesia reprimir a luta dos trabalhadores. Neste momen-